

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA II

OS BARES DA VIDA: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E DE CONSTRUÇÃO POÉTICA

Leila Medeiros de Menezes (UERJ)
klmmenezes@yahoo.com.br

A força do botequim – como a da praia, outra peculiaridade desta leal e heróica capital – está no seu espírito democrático. Ele acolhe sem distinção, e sempre com afeto, o boêmio inveterado e o empresário entediado, a dama respeitosa e a garota serelepe – a todos o botequim oferece sem questionar a descontração e a magia de sua cultura. Basta chegar e ir sentando, isso quando há onde sentar (Macieira, 2004).

Falar de bar e botequim é falar de tradição, de descontração, de encontros (e também desencontros). Este trabalho objetiva apresentar o percurso e a teia que se vai tecendo pelas muitas esquinas, nos bares e botequins da cidade do Rio de Janeiro, em especial os localizados na área que chamaremos aqui de grande Tijuca. Esta área engloba os bairros da Tijuca, Vila Isabel, Estácio, Andaraí, Grajaú, Maracanã, Mangueira – berço do samba e de muitos compositores da Música Popular Brasileira. A região é responsável também pelo surgimento de muitos dos movimentos musicais e do lançamento de grandes nomes da nossa música brasileira.

É Macieira quem declara que “o botequim (e eu acrescentaria o bar) está impregnado de carioquice, carrega a alma desta cidade cosmopolita e brasileiríssima, materna e mundana, multicultural e singular” (*Idem*). Pode ser considerado o símbolo do jeito carioca de ser e de viver.

Os bares e botequins, caracterizados como verdadeiros espaços de sociabilidade e de musicalidade, tornaram-se, ao longo do tempo, ponto de encontro, centro de decisões, local democrático de diversão, descontração, criação, onde dialogam permanentemente diferentes e diferenças e onde muito da nossa música é (e foi) gestada,

aliando-se quitutes harmônicos de sons e sabores, regados pela cerejinha “estupidamente gelada”, a um bom “papo amigo.”

É bem verdade que nem todos os bares e botequins possuem a mesma alma carioca, os hoje chamados “pés-limos” se distanciam dessa essência, pela sofisticação e pela clientela difusa que os frequenta. É quase que um modismo conhecer esses bares modernos. Os mais autênticos são, sem dúvida, os “pés-sujos”, ou seja, os botequins em seu estado natural, onde não há sofisticação na decoração, na acomodação, muito menos nos serviços prestados aos fiéis clientes que, em sua grande maioria, são vizinhos desses bares ou moradores das redondezas.

Esses estabelecimentos, conforme nos fala Mello, têm “o poder de ser muito mais do que um mero estabelecimento comercial, oferecendo em meio à grande densidade urbana do Rio, cantinhos onde nos sentimos tão à vontade, como se estivéssemos em casa” (Mello, 2004, p. 35). São eles verdadeiras extensões de muitos lares, oferecendo todo um clima de informalidade, de descontração, de cariocaice.

Martinho da Vila, um desses boêmios inveterados, define botequim como “um templo onde os solitários se sentem acompanhados com seus copos, pensando... pensando... ou padreando com um amigo, ou numa roda de camaradas de copo” (Vila, 2005, p. IV). O encontro, a descontração, a dor de cotovelo, a comemoração, a extensão do lar permeiam o cotidiano dos bares e botequins. As palavras de Goldenberg confirmam esse posicionamento: “e o botequim é um caos, é templo de muitos, é lar de multidões, refúgio dos que têm dor (...)” (Goldenberg, 2005, p. 13), o espaço da busca de algo mais no fundo do copo – confissões, soluções, brigas, paixões, descobertas, paqueras, criações, festas.

O vocábulo botequim, segundo o Dicionário Aurélio, deriva da forma diminutiva de botica, uma espécie híbrida de armazém de secos e molhados e bar, estabelecimento tipicamente português, muito comum no Rio de Janeiro no início do século XX. Nessa época, quando a cidade ensaiava os primeiros passos como centro urbano cosmopolita, esses estabelecimentos proliferavam pelos espaços urbanos da cidade. Hoje eles são bem raros, mas alguns ainda teimam em resistir, desafiando o tempo.

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA II

(...) vendiam produtos finos, como nacos de bacalhau e salames importados. Era comum também que servissem vinhos e outras bebidas alcoólicas à clientela, basicamente masculina, que vinha comprar as iguarias no balcão. Tornou-se então um hábito beber com os amigos antes das compras da semana, e esta espécie de ritual foi incorporada à cultura boêmia da cidade (Mello, 2006, p. 27).

A maioria dos estabelecimentos, que hoje resistem à modernidade, teve suas origens nessas mercearias, nos antigos cafés e confeitarias que surgiram após o período do Bota Abaixo, no governo Pereira Passos. Anteriormente as ruas eram consideradas lugares de negros, malandros e meretrizes, fazendo com que os referidos estabelecimentos tivessem, à época, projeção tímida e lenta. Não era aconselhável que “as pessoas de bem” circulassem pelas ruas do Rio de Janeiro.

A modernização da cidade no início do século XX, faz surgir a figura do *flâneur*, “incentivando” (Chacel, 2004, p. 21) a pequena burguesia a tomar as ruas; assim, como diz Chacel, “nasce o espírito do botequim” que, pouco a pouco, vai ganhando corpo até se tornar esse lugar privilegiado de encontros, de criação poética, de se fazer amigos, verdadeiro espaço de sociabilidade.

Mello considera os botequins “achados arqueológicos”. Podem ser vistos, segundo Chavel, “museus vivos da cidade, onde passado e presente conversam” (*Idem*). Exemplares desses achados podem ser ainda encontrados no centro da cidade; a exemplo podemos citar o *Paladino* na rua Uruguaiana, o *Villarino* na avenida Calógeras.

O encontro com “amigos de bar”, após um duro dia de trabalho, veio se tornando uma prática cotidiana nessa mui heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Atualmente, está presente na “alma” da cidade essa quase necessidade de encontro, somando samba (a alegria), suor (o trabalho) e cerveja (a descontração). É nessa mistura saudável e feliz que muito dos “papos de bar” acabam por servir de inspiração a artistas-compositores, transformando-se em belas criações poéticas.

Foi o bar alemão *Adolf*, hoje o famoso e tradicional *Bar Luis*, situado à rua da Carioca, na pessoa de seu proprietário Adolf Rumjanek, que introduziu, no início do século XX, por uma estratégia de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

marketing, a música nos bares da cidade para fazer frente aos seus concorrentes:

Adolf se viu compelido a criar nova campanha de marketing, desta vez para se destacar da concorrência – o *chope berrante* – que nada mais era do que a contratação de músicos e cantores de modinha para atrair a freguesia. (*Idem*, grifo nosso)

Possivelmente a expressão *chope berrante* usada por Adolf foi introduzida para justificar a altura de voz dos cantores para se fazerem ouvir em meio ao burburinho intenso que tomava o salão repleto dos fieis frequentadores do bar.

E a música passa a se fazer presente nas mesas dos bares. Uma caixa de fósforos, um violão, um grupo de amigos (ou não), um balcão ou uma mesa de bar são ingredientes fundamentais para que ela (a música) se faça presente, e as preocupações e as tristezas sejam aplacadas e se comemore / “bebemore” as alegrias. Assim como a música se faz presente nos bares, os bares são matéria-prima privilegiada no cancionero popular. Bar e música formam, portanto, um binômio perfeito para a criação poética. Nasceram um para o outro. Segundo Vieira,

(...) desde que o primeiro português abriu as portas do primeiro botequim na cidade, bar e música, nesta terra de São Sebastião do Rio de Janeiro, são como queijo e goiabada, torresmo e moela, pão e manteiga. Nasceram um para o outro (Vieira, 2004, p. 51).

E é tão forte essa combinação etílico-musical que os proprietários não simpáticos à música se vêem obrigados a colocar cartazes nas áreas de circulação do(s) estabelecimento(s): “*É proibido bater ou cantar nas mesas*”. Hoje muitos cantos e recantos do Rio se inundam de música, de domingo a domingo, colorindo, ainda mais, os tons fortes da cidade.

É Gonzaguinha quem nos oferece o espaço da descontração, da alegria do encontro, nos versos de seu poema-canção *E vamos à luta*

Aquele que sai da batalha
Entra num botequim
Pede uma cervinha gelada
E agita na mesa uma batucada (Gonzaga Júnior, 1980)

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA II

O cartunista Jaguar, outro boêmio inveterado, em artigo publicado na Revista Argumento, afirma que “bar é melhor do que lar” (Jaguar, 2005, p. 8) e, com seu bom humor de sempre, ensina-nos como deve ser um botequim de verdade: “de preferência razoavelmente limpo. Mas não a ponto de a gente pensar que está bebendo numa enfermaria. Ninguém morre de infecção contraída em bar. E quantos já morreram de infecção hospitalar?” (Costa e Silva, 2006, ano 1, nº 12)? O posicionamento de Jaguar justifica a sua presença marcante nos muitos bares da cidade. É ele um verdadeiro *flâneur*, andarilho, circulando de bar em bar.

Bar (botequim) e música formam, como já declaramos, um binômio perfeito. Os bairros de Vila Isabel, Estácio e Tijuca, em especial, sempre foram celeiro da boa música e berço de grandes compositores. Só para citarmos alguns: Noel Rosa, Ismael Silva, Aldir Blanc, Gonzaguinha, Ivan Lins, Martinho da Vila, Tim Maia, Luiz Melodia, Moacyr Luz, Erasmo Carlos, dentre tantos outros.

Os bares localizados na região que estamos denominando de grande Tijuca vêm, sem dúvida, ao longo de décadas (a história está aí para comprovar), espaços privilegiados onde muitos movimentos musicais têm surgido, a exemplo podemos citar o MAU (Movimento Artístico Universitário), surgido nos encontros musicais na casa do psiquiatra Aloísio Portocarreiro, rua Jaceguai 27; a Jovem Guarda, com sua origem no Bar do Divino, à rua Haddock Lobo; a revitalização das bandas e dos blocos carnavalescos, com “sede” em bares tijucanos etc.

O “bar da dona Maria”, situado à rua Garibaldi, na Muda (Tijuca), não foge à regra. O violão é sempre presença marcante naquele espaço de convivência de tijucanos (ou não) de muitas paragens. Aldir Blanc, vizinho ilustre do bar, e Moacyr Luz (ex-vizinho), por exemplo, são freqüentadores assíduos. Fazem do bar a extensão do lar. O local é ponto de encontro de trabalhadores, políticos, músicos e intelectuais.² No período pré-carnavalesco o bar passa a ser sede do já tradicional bloco *Não muda nem sai de cima*.

² Para saber mais sobre o assunto, indicamos a leitura dos artigos de Lená Medeiros de Menezes sobre a imigração portuguesa.

Segundo a *História dos bairros*, em volume que trata da Tijuca, o “bar da dona Maria”, assim chamado carinhosamente por seus frequentadores para enfatizar a presença marcante de sua proprietária, a portuguesa dona Maria do Rosário, que continua à frente da administração do bar, apesar dos seus quase oitenta e cinco anos. O nome oficial do bar é *Café e Bar Brotinho*, mas este é apenas um título na parede.

(...) O Café e Bar Brotinho é uma referência do samba carioca. E por isso mesmo acabou se tornando uma síntese do que é ser Tijuca. A alma do pequeno estabelecimento é tangível. A alegria sábia no rosto da senhora portuguesa, que comanda tudo de trás do balcão, convence o frequentador de que ela está realmente numa embaixada segura de sua casa, requisito primaz de um boteco. Os velhos retratos de times e sambistas espalhados pelas paredes surradas pelos [mais de] sessenta anos de funcionamento, fazem também do bar um templo para a tranquilidade e a meditação dos sempre bem-vindos, famosos ou não, fregueses” (*Bairros*, 2000, p. 82).

Na expressão “templo para a tranquilidade e meditação” fica enfatizada, mais uma vez, a máxima de que bar e lar, para a turma boêmia, são indissociáveis. Também para dona Maria, o bar “é a embaixada segura de sua casa”, portanto lar e bar se confundem no seu cotidiano.

Não foi por acaso que a Prefeitura do Rio de Janeiro escolheu a Tijuca, justamente nas proximidades do “bar da dona Maria”, para instalar o *Centro de Referência da Música Carioca*³, em um antigo casarão, em estilo eclético, construído em 1939, que ainda preserva muito de sua beleza original e que hoje abriga a memória da música carioca, além de ter se tornado local de encontro de músicos e de lançamento de novos nomes da música carioca.

Os bares e botequins, para os “boêmios de plantão”, funcionam, como já declaramos, quase que como uma extensão do lar. O poeta-compositor⁴ Adir Blanc, também grande frequentador dos ba-

³ Centro de Referência da Música Carioca, rua Conde de Bonfim, esquina com rua Garibaldi, exatamente em frente ao “bar da dona Maria”, *point* de reuniões musicais, ponto de encontro de músicos de renome e de anônimos.

⁴ Estamos chamando de poeta-compositor aqueles poetas que têm seus poemas musicados; da mesma forma que utilizaremos a expressão poema-canção para as poesias musicadas.

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA II

res cariocas, declarou em uma de suas crônicas publicada no *Jornal do Brasil* que

É no buteco da esquina que arquitetamos nossos projetos mais sublimes, nossos sonhos mais elevados – os mesmos que desmoronam assim que enfiamos a chave na fechadura do que se convencionou chamar de residência. Tudo bem. *O lar é meu segundo bar*. (Blanc, 2005, p. B5, grifo nosso)

A declaração de Blanc dialoga perfeitamente com os versos do poema-canção *Último desejo*, de Noel Rosa:

Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
Que meu lar é o botequim
Que eu *arruinei* sua vida
Que eu *não* mereço a comida
Que você pagou pra mim (Rosa, 1999)

Como podemos verificar, tanto Noel Rosa, quanto Aldir Blanc, quanto Jaguar misturam lar e bar como espaços de intenso convívio, não havendo limites que determinam o espaço das suas ações. Para eles, do lar para o bar o trânsito é livre e intenso, criando, assim, uma cenografia, onde lar e bar são “ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra” (Maingueneau, 2001).

Além de Aldir Blanc e Noel Rosa, outros poetas-compositores fizeram do bar tema quase que obrigatório na descrição do cotidiano carioca. São muitas as composições que privilegiam esse espaço tão carioca de ser e de viver.

Os frequentadores dos bares formam uma verdadeira comunidade boêmia, na medida em que suas crenças e convicções são partilhadas nas mesas dos bares.

Luiz Gonzaga, na composição *Mesa de bar*, declara que

(...) mesa de bar é onde se toma um porre de liberdade
companheiros em pleno exercício de democracia (Gonzaga, 1998)

Território livre para se pensar, para se viver, para se fazer amigos, para se criar. É esse “porre de liberdade” tão bem colocado pelo compositor.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Esse território livre é confirmado por Aldir Blanc, na composição, em parceria com João Bosco, intitulada *De frente pro crime*, onde faz uma verdadeira crônica do cotidiano

O bar mais perto depressa lotou
Malandro junto com trabalhador
Um homem subiu na mesa do bar
E fez discurso pra vereador.

Nos versos “malandro junto com trabalhador” e “fez discurso pra vereador” fica evidenciado esse espaço democrático anunciado por Luiz Gonzaga. Os versos seguintes apresentam esse espaço de todos e onde tudo pode acontecer:

Veio o camelô vender
Anel, cordão, perfume barato
Baiana pra fazer pastel
E um bom churrasco de gato
Quatro horas da manhã
Baixou o santo na porta-bandeira
E a moçada resolveu parar
E então...
Tá lá o corpo estendido no chão (Blanc & Bosco, 2005)

Chico Buarque em *Com açúcar, com afeto* ratifica a descontração, a mesa de bar como “divã” para sufocar tristezas e comemorar/bebomorar alegrias

No caminho da oficina
Há um bar em cada esquina
Pra você comemorar
Sei lá o quê...

E continua falando da alegria do encontro, do fazer novos amigos, do prazer do cantar e do encantar

Sei que alguém vai sentar junto
Você vai puxar assunto
Discutindo futebol
(...)
Na caixinha um novo amigo
Vai bater um samba antigo
Pra você rememorar
Sei lá o quê... (Holanda, 2004)

A intimidade, a relação lar e bar ficam enfatizadas nos versos de Noel Rosa em *Conversa de botequim*, onde o bar é considerado o escritório

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA II

E ordene ao seu Osório
Que me mande um guarda-chuva
Aqui pro nosso escritório
Seu garçom me empresta algum dinheiro
Que eu deixei o meu com o bicheiro (Rosa, 2004)

Finalizando, Carlinhos e Franco convidam-nos a “tomar um porre” de felicidade, bebendo a vida de bar em bar; aqui, até a linguagem é descontraída, bem coloquial, a exemplo destacamos os termos “to” e “cerva”.

Hoje eu vou tomar um porre, não me socorre que eu tô feliz
Nessa eu vou de bar em bar beber a vida que eu sempre quis
Garçom, garçom, bota uma cervá bem gelada aqui na mesa
Que bom, que bom, minha alegria deu um porre na tristeza
(...)

(Carlinhos e Franco, 1991)

E é nesta mesma cidade que, em meio a tanta violência, a problemas de todas as ordens, essas “gentes humildes” acordam cedo diariamente para trabalhar e ainda encontram tempo e espaço para, nos bares e botequins, serem samba, suor e cerveja, de domingo a domingo, buscando, como diz Drummond, “a poesia inexplicável da vida”. É justamente dessa matéria-prima que se nutrem nossos poetas-compositores.

REFERÊNCIAS

BAIROS do Rio: Tijuca e Floresta. Rio de Janeiro: Trainha/Prefeitura do Rio, 2000.

BLANC, Aldir & BOSCO, João. De frente pro crime. **In.** *Novo Millennium*, João Bosco, 2005.

BLANC, Aldir. Rua dos Artistas: diabolô. **In.** *Jornal do Brasil* – Caderno B, Rio de Janeiro, 5 de maio de 2005.

CARLINHOS e FRANCO. *De bar em bar*: Didi um poeta. Samba-enredo do Carnaval de 1991 do GRES União da Ilha do Governador.

CHACEL, Cristina. A cidade detrás do balcão. **In.** *Rio Botequim*: 50 bares e botequins com a alma carioca. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

COSTA E SILVA, Álvaro. Jaguar, o memorioso. **In.** *Avenida Central: o guia de cultura e lazer do Centro e da Lapa*. Rio de Janeiro, 2006, ano 1, nº 12.

GOLDENBERG, Eduardo. *Meu lar é o botequim*: histórias, palpites e feitiço sem fim. Rio de Janeiro: Casa Jorge, 2005.

GONZAGA, Luiz. *Mesa de bar*. São Paulo: Universal, 1998.

HOLANDA, Chico Buarque de. *Com açúcar, com afeto. Construção*, 2004.

JAGUAR. Bar é melhor que lar. **In.** *Revista Argumento*. Rio de Janeiro, nº 11, outubro de 2005.

GONZAGA JÚNIOR, Luiz. E vamos à luta! **In:** *De volta ao começo*. São Paulo: Emi-Odeon, 1980.

MACIEIRA, Ricardo. *Rio botequim: 50 bares e botequins com a alma carioca*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. A cena de enunciação. **In.** *Análise de textos*, 2001.

MELLO, Paulo Thiago de. Bar é um achado arqueológico. **In.** *O Globo*. Rio de Janeiro, 23/4/2006.

MELLO, Paulo Thiago de. Pé-sujo, o botequim no seu estado mais puro. **In.** *Rio Botequim: 50 bares e botequins com a alma carioca*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

ROSA, Noel. Conversa de botequim. **In.** *Dori Cayme: Influências*, 2004.

ROSA, Noel. Último desejo. **In.** *Meus Momentos I*, Nana Cayme, 1999.

VIEIRA, Marceu. Batuque na mesa. **In.** *Rio Botequim: 50 bares e botequins com a alma carioca*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

VILA, Martinho da. Bar, um lugar sagrado. (Prefácio). **In.** LUZ, Moacyr. *Manual de sobrevivência nos botequins mais vagabundos*. Rio de Janeiro: Senac-Rio, 2005.